

# 8 DE MARÇO

## Feminismos e antifeminismos diálogos e disputas



Por Jaqueline Sant'ana

Nesta semana celebramos o Dia Internacional da Mulher, data que marca uma série de eventos organizados por mulheres que reivindicavam direitos sociais e políticos e lutas por melhores condições de trabalho no início do século XX. Ao longo da minha recém-concluída pesquisa de doutorado, que investigou a prática da modéstia cristã no vestir adotada por mulheres que se identificam como “católicas tradicionais”, esta efeméride era ocasião propícia para a publicação de inflamados textos contrários à luta feminista, evidenciando conflitos e disputas que atravessam os debates sobre gênero e feminismos na atualidade.

Através de textos autorais e relatos pessoais disponibilizados em sites, *blogs* e perfis em redes sociais, mulheres que se apresentam como verdadeiras “combatentes” do feminismo vão além da crítica a certo caráter autonomista ou de defesa de uma visão liberatória do indivíduo, acusando movimentos de mulheres feministas de serem contrários à valores morais, preceitos religiosos e aos “bons costumes”, colocando-se contra a maternidade, a família e ao matrimônio ao promoverem a vulgarização e o “pecado” como demonstrações de liberdade e autonomia feminina. A solução para isso seria o “retorno das mulheres ao lar” - ainda que, estatisticamente, elas nunca tenham deixado de ser as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, reprodutivo e de cuidado, seja ele remunerado ou não-remunerado.

Ocupando espaços não somente na *internet*, mas também no Congresso Nacional, em assembleias legislativas e *think tanks* conservadoras, representantes do

antifeminismo vêm ganhando proeminência e se colocando em destaque no debate público através de discursos em comissões parlamentares, campanhas de ativismo jurídico e eventos como marchas e congressos que promovem pânico morais relacionados aos temas da família, da infância, do gênero e da sexualidade. Acompanhando mulheres adeptas da modéstia e alinhadas com um pertencimento religioso que recusa os postulados de modernização e abertura ao ecumenismo do Concílio Vaticano II (1962-1965), foi possível acompanhar iniciativas e debates que, a despeito de se identificarem como “antifeministas”, eram consideravelmente informados sobre o movimento feminista e suas questões basilares, inclusive se apropriando de palavras de ordem e *slogans* como “meu corpo, minhas regras” para questionar perspectivas e diagnósticos de questões sociais por um viés feminista e a necessidade de uma mobilização política e coletiva que emerge, em muitos casos, da problematização de dinâmicas presentes em relações íntimas e experiências ainda atribuídas a esfera privada da vida.

Um dos principais recursos do antifeminismo difundido em espaços virtuais dedicados à modéstia é a negação da representação social da mulher como “vítima” através da mobilização das noções de *escolha* e *agência* e da negação do patriarcado enquanto um sistema de opressão feminina – aqui, a submissão das mulheres teria uma fundamentação religiosa que cria um modelo hierárquico de família, com o homem sendo o “cabeça”. Nesse contexto, a “vítima”, com poucas exceções, é compreendida como uma mulher que não soube agir e afirmar o seu próprio reconhecimento junto ao marido e perante a sociedade enquanto esposa, mãe e dona de casa. São enaltecidos os valores da feminilidade, da maternidade e da domesticidade e desqualificadas as mulheres que recusam e/ou não se adequam a esses papéis, que passam a ser consideradas “vitimistas sem causa” que fazem ecoar o chamado “mimimi”, termo que se popularizou no cenário político brasileiro recente a partir de discursos amplamente difundidos por grupos políticos de direita e extrema-direita.

Além de discordâncias ideológicas que mobilizam críticas já consolidadas sobre as origens proletárias e internacionalistas do 8 de março como Dia Internacional da Mulher, os discursos antifeministas mais recentes se valem de constantes ataques a autoras como as filósofas Simone de Beauvoir e Judith Butler, que têm suas obras amplamente desqualificadas a partir de distorções, e um crescente destaque à ideia

de “liberdade”, mobilizada para contestar certo caráter normativo de vertentes feministas liberais, sublinhando possíveis limitações conceituais e pontos cegos analíticos. Para as praticantes e defensoras da modéstia, ativistas e intelectuais feministas não teriam nada a dizer sobre suas vidas e suas escolhas pessoais, uma vez que elas se sentem totalmente livres – inclusive para recusar um ideal alheio aos seus anseios sobre o que significa ser uma mulher.

Ainda que temas como a descriminalização do aborto permaneçam como pontos centrais de discordâncias entre movimentos feministas e antifeministas, pautas como a crítica à “objetificação” e à “hipersexualização” de corpos femininos desde a infância e a idealização de padrões de beleza inalcançáveis veiculados pela mídia, pela indústria do entretenimento e por campanhas publicitárias ressoam por esses grupos, destacando a centralidade do corpo, do consumo e da sexualidade nos debates sobre gênero. Destacam-se, também, questões prementes do contexto brasileiro, como os índices de violência doméstica e a invisibilidade do trabalho reprodutivo e de cuidado realizado majoritariamente por mulheres, com inúmeras reclamações sobre as múltiplas jornadas de trabalho feminino que, segundo o campo antifeminista, teria se agravado com a “obrigatoriedade” da profissionalização feminina, ignorando um contexto social e econômico mais amplo que se caracteriza pelo recente desmantelamento do estado de bem-estar social e por uma crescente privatização do cuidado que vem sobrecarregando as mulheres e reforçando discursos de que temos que “dar conta de tudo”.

Entre disputas e diferenças, muitos pontos nos unem. Que neste dia de luta possamos seguir avançando sobre as questões que mais nos afetam.



Neste 8 M o NESEG publica o ensaio de Jaqueline Sant'ana M. dos Santos, *Feminismos e antifeminismos – diálogos e disputas*

Pesquisadora do NESEG/UFRJ, recentemente Jaqueline defendeu sua tese de doutorado, intitulada "Modéstia Cristã no Vestir: Gênero e Tradição no Catolicismo Contemporâneo" e tornou-se doutora e mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Também especialista em Gênero e Sexualidade pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CLAM/UERJ), ela ganhou o Prêmio ANPOCS de Teses e Dissertações em 2017 e é autora do livro "Literatura de Mulherzinha: Gênero e Individualismo em romances chick-lit" (7 Letras, 2018).